

Índice

1. Arsène Lupin aos Vinte Anos	9
2. Joséphine Balsamo, Nascida em 1788...	23
3. Um Tribunal de Inquisição	35
4. Um Barco ao Fundo	49
5. Um dos Sete Braços	61
6. A Polícia Investiga	73
7. As Delícias de Cápua	87
8. Duas Vontades	103
9. A Rocha Tarpeia	119
10. A Mão Mutilada	137
11. O Velho Farol	151
12. A Demência e o Génio	166
13. O Cofre-Forte dos Monges	187
14. «A Criatura Diabólica»	203
Epílogo	225

A CONDESSA DE CAGLIOSTRO

Eis a primeira aventura de Arsène Lupin, que teria sido, sem dúvida, publicada antes das outras, se ele não se tivesse a isso oposto firmemente...

— Não — dizia ele. — Entre a Condessa de Cagliostro e eu, as contas ainda não estão saldadas! Esperemos.

A espera demorou mais do que se pensava. Um quarto de século decorreu antes do AJUSTE DEFINITIVO. E só agora nos é permitido contar o que foi o terrível duelo de amor que pôs frente a frente um garoto de vinte anos e a FILHA DE CAGLIOSTRO!

Arsène Lupin aos Vinte Anos

Raoul d'Andrézy encostou a sua bicicleta a um arbusto, depois de ter apagado cuidadosamente a lanterna. Nesse momento, batiam as três horas no campanário de Bénouville.

Na escuridão densa da noite, tomou o caminho que conduzia ao castelo de Étigues e em breve alcançava o muro que o rodeava. Esperou um pouco. Cascos de cavalos, rodas que chiavam no pátio, o ruído de portões que se abriam... e um carro passou. A custo, Raoul conseguiu distinguir vozes de homem e notar o cano de uma espingarda, pois já a carruagem ganhava a estrada principal e se precipitava em direcção a Étretat.

«Vamos», disse consigo, «parece que a caça está aberta e o terreno onde se pratica fica longe... Vou enfim saber o que significam todas estas idas e vindas.»

Contornou os muros da propriedade e, depois da segunda esquina, deu quarenta passos e deteve-se. Na mão, segurava duas chaves. A primeira abria uma porta baixa que dava acesso a uma escada, escavada numa velha muralha, meio demolida, que defendia uma das alas do castelo. A segunda levou-o por uma entrada secreta, ao nível do primeiro andar...

Raoul acendeu a sua lâmpada de algibeira, sem demasiadas precauções, pois sabia que o pessoal vivia no outro lado do castelo e que Clarisse d'Étigues, a filha única do barão, habitava no segundo piso, e seguiu por um corredor que o conduziu a um vasto gabinete de trabalho; fora aí que, duas semanas antes, pedira ao barão a mão

de sua filha e fora acolhido por uma explosão de cólera indignada, de que ainda guardava uma recordação desagradável.

Um espelho devolveu-lhe a sua pálida figura de adolescente, mais pálida do que era hábito. Contudo, embora assaltado por todas estas emoções, conservava-se senhor de si e, friamente, meteu mãos à obra.

Não foi preciso muito tempo. Quando da sua conversa com o barão, tinha reparado que este lançava amiúde um olhar para uma grande secretária de mogno, cuja tampa ondulada estava erguida. Raoul conhecia todos os locais onde era possível arranjar um esconderijo e todos os mecanismos que os podem fazer funcionar. Um minuto depois, descobria, numa ranhura, uma carta escrita em papel muito fino, enrolada como um cigarro, sem assinatura ou endereço.

Estudou atentamente a missiva, cujo texto lhe parecia banal de mais para que se tivessem dado tanto trabalho para a esconder e, após minuciosa análise, apoiando-se em certas palavras mais significativas e suprimindo outras frases evidentemente destinadas a preencher vazios, conseguiu reconstituir o que se segue:

Encontrei em Rouen a pista da nossa inimiga e fiz publicar nos jornais da região que um camponês dos arredores de Étretat havia desenterrado, nos seus campos, um velho candelabro de cobre com sete braços. Ela telegrafou imediatamente para encomendar um cupé para o dia 12, às três horas da tarde, que a fosse buscar à estação de Fécamp. Mas nessa manhã, o cocheiro receberá, por meu intermédio, uma mensagem anulando aquela ordem e será a nossa carruagem que ela encontrará na gare do caminho-de-ferro e que a trará, com uma boa escolta, para junto de nós, reunidos em assembleia.

Poderemos então constituir-nos em tribunal e pronunciar contra ela uma sentença impiedosa. Nas épocas em que a grandeza dos fins justificava os meios, o castigo seria imediato. Morta a serpente, acaba-se o veneno. Escolham a solução que preferirem, mas lembrem-se da nossa última reunião e que o êxito do nosso empreendimento e mesmo as nossas próprias vidas dependem dessa criatura diabólica. Organizem uma caçada, que evitará suspeitas. Chegarei pelo Havre às quatro horas exactas, com dois amigos. Não destruam esta carta, que me devolverão pessoalmente.

«Tanta preocupação é um erro», pensou Raoul. «Se o correspondente do barão não fosse desconfiado, este teria queimado a carta e eu nunca chegaria a saber que se planeia um rapto, um julgamento ilegal e até, Deus me perdoe, um assassinio. Safa! o meu futuro sogro, tão correcto e devoto, parece estar envolvido em assunto pouco católico. Irá ele até ao assassinato? Tudo isto é muito grave e pode dar-me um belo ascendente sobre ele.»

Raoul esfregou as mãos. O caso estava a agradar-lhe e nem sequer o surpreendia muito, pois certos pormenores tinham, desde há alguns dias, despertado a sua atenção. Resolveu, por conseguinte, regressar à estalagem onde estava alojado, dormir umas horas e voltar a tempo para escutar o que conspiravam o barão e os seus convidados e conhecer aquela «criatura diabólica» que se desejava suprimir...

Tornou a pôr as coisas em ordem, mas, em vez de partir, sentou-se a uma mesa onde se encontrava uma fotografia de Clarisse e contemplou-a com profunda ternura. Clarisse d'Étignes, pouco mais nova do que ele, pois contava dezoito anos. Uns lábios voluptuosos... uns olhos sonhadores... um rosto fresco e claro, de pele rosada e delicada, com uns cabelos pálidos, iguais aos das crianças que correm nos campos da região de Caux, com um ar tão doce e tanto encanto!

O olhar de Raoul tornou-se mais duro. Um mau pensamento, que ele não conseguia dominar, invadiu o jovem. Clarisse estava sozinha, lá em cima, no seu quarto isolado, e já por duas vezes, servindo-se das chaves que ela mesma lhe confiara, tinha ido ter com ela à hora do chá. Então, que o retinha hoje? Nenhum barulho chegaria até aos criados. O barão só voltaria no dia seguinte, à tarde. Porque não ir?

Raoul não era um Lovelace. Muitos sentimentos de honestidade e de delicadeza se opunham ao desencadear dos instintos e desejos de que ele conhecia a natureza violenta. Mas como resistir àquela tentação? O orgulho, o desejo, o amor, a necessidade imperiosa de conquistar impeliam-no para a acção. Não se perdendo em vãos escrúpulos, dirigiu-se com firmeza para a escada.

Diante da porta fechada, hesitou. Já a tinha transposto em pleno dia, como amigo respeitoso. Que significado teria, ao contrário, um tal acto àquela hora da noite?

A luta de consciência não durou muito. Cautelosamente, bateu à porta, segredando:

— Clarisse... Clarisse... sou eu.

Esperou um minuto e, não ouvindo qualquer ruído, ia bater de novo quando a porta se abriu e a jovem apareceu, com um candeeiro na mão.

Reparou na sua palidez e no seu temor, isso perturbou-o a ponto de recuar, pronto a partir.

— Não me queiras mal, Clarisse... Não queria vir, mas foi mais forte... Uma palavra tua e partirei...

Se Clarisse tem chegado a ouvir estas palavras, estaria salva, pois conseguiria dominar facilmente um adversário que aceitava antecipadamente a derrota. Mas ela não podia ouvir nem ver. Quis indignar-se e não fez mais do que balbuciar umas censuras. Pretendeu mandá-lo embora, mas o seu braço não tinha sequer forças para fazer um só gesto. A mão tremia tanto que teve de pousar o candeeiro. Depois inclinou-se para a frente e tombou desmaiada...

Os dois jovens amavam-se havia três meses, desde que se conheceram no Sul, onde Clarisse passava os dias em casa de uma amiga.

Sentiram-se de imediato unidos por um laço que para Raoul foi a coisa mais deliciosa do mundo, mas que para ela constituiu o sinal de uma escravidão, de que não desejava mais libertar-se. Desde o começo, Raoul surgiu-lhe como um ser distante, a quem ela não podia compreender. Chegava a desolá-la com certos acessos de leviandade, de ironia maldosa e de humor inquieto. Mas ao lado disso, que poder de sedução! Que alegria! Que repentes de entusiasmo e de exaltação juvenil! Todos os seus defeitos tomavam o aspecto de qualidades em excesso e até os vícios tinham um ar de virtudes que se ignoram e que vão desabrochar.

Ao regressar à Normandia, ela teve a grata surpresa de distinguir, uma manhã, a fina silhueta do jovem, em cima de um muro, em frente das suas janelas. Raoul escolhera uma estalagem a alguns quilómetros de distância e, assim, quase todos os dias, vinha na sua bicicleta encontrar-se com ela nos arredores do castelo de Étigues.

Órfã de mãe, Clarisse não era feliz com o pai, homem duro, sombrio de carácter, devoto em excesso, agarrado ao título, que os cam-

poneses temiam como a um inimigo. Quando Raoul, que não lhe tinha sequer sido apresentado, teve a audácia de lhe solicitar a filha em casamento, o barão encolerizou-se tanto contra aquele imberbe pretendente, sem posição nem relações, que o teria chicoteado, se o jovem não tivesse olhado para ele com um ar próprio de domador em face dum animal selvagem.

Foi depois desta conversa e para apagar no espírito de Raoul tão penosa recordação, que Clarisse cometeu o erro de lhe abrir por duas vezes a porta do quarto. Imprudência perigosa e de que Raoul se aproveitou com toda a lógica de um apaixonado.

Nessa manhã, simulando uma indisposição, ela mandou servir no quarto o almoço, enquanto Raoul se escondia numa sala contígua; e, depois da refeição, ficaram os dois longamente abraçados diante da janela aberta, unidos pela recordação dos seus beijos e por tudo o que havia neles de ternura e, apesar da falta cometida, de ingenuidade.

No entanto, Clarisse chorava...

As horas passaram. Uma brisa fresca que vinha do mar acariciava-lhes os rostos. Em frente deles, para lá dum verdejante pomar, que se estendia até aos muros do parque, podia-se ver, à direita, a linha branca das altas falésias até Fécamp; à esquerda, a baía de Étretat, a porta de Aval e a ponta da enorme Agulha.

Raoul dizia-lhe suavemente:

— Não estejas triste, minha bem-amada. A vida é bela para quem tem a nossa idade e sê-lo-á ainda mais quando tivermos afastado todos os obstáculos. Não chores.

Ela enxugou as lágrimas e tentou sorrir-lhe, fitando-o nos olhos. Era esbelto, quase tanto como ela, mas largo de ombros, ao mesmo tempo elegante e sólido de aspecto. Na sua cara enérgica, desenhava-se uma boca maliciosa e uns olhos brilhantes de alegria. Vestido com umas calças curtas e um casaco que se abria por cima de uma camisola de lã branca, ele apresentava um ar de uma inacreditável leveza.

— Raoul, Raoul — desesperou-se a jovem —, olhas para mim e pensas noutra coisa. É isso possível depois do que se passou entre nós? Em que estás a pensar, Raoul?

Ele respondeu, rindo:

— No teu pai.